



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1601>



## Apresentação ao dossiê “Espaço, memória e identidade”

Samuel Oliveira\*

ORCID iD 0000-0002-3771-9057

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Espaço é uma categoria tomada como “natural” nos comportamentos, práticas e memórias, sendo poucas vezes problematizado como construção social. Assim, as noções de “dentro” e “fora”, “privado” e “público”, “próximo” e “distante” (o “aqui” e o “lá”) são constantemente assumidas como verdades. A toponímia dos lugares, designações e descrições dos ambientes, fronteiras, significados das divisões e marcações de separação socioespaciais, lembranças e/ou silêncios do que é valorizado como patrimônio de um lugar são vistos como dados objetivos do real, não se inquirindo sobre a maneira como são instituídos/produzidos e suas transformações no tempo. O espaço é comumente tomado como natureza, e não como cultura.

O senso comum, impregnado por uma perspectiva euclidiana de espaço, assume que as distâncias, as formas tridimensionais e a posição dos objetos e sujeitos são fixas num plano e exteriores à agência e vínculos construídos na vida social. Logo, o espaço serve para localizar objetos na vida material, situar eventos e identificar o cenário da ação, sem que se assuma a reflexividade da implicação das espacialidades na construção

---

\* Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação em História do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV). Professor e pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), onde atua na pós-graduação em Relações Étnico-Raciais e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq (Pq-2). E-mail: samu\_oliveira@yahoo.com.br.

das identidades. Historiadores, antropólogos, sociólogos e outros pesquisadores, comumente, aderem a esse mesmo senso comum cartesiano em suas investigações e tomam o espaço como realidade neutra. Ao assumirem a homogeneidade da descrição euclidiana, deixam de perceber sua heterogeneidade social, ligada às formas de habitar, trabalhar e usar o território no cotidiano, às fronteiras (móveis) que dividem e segregam grupos e às relações de poder que produzem os lugares, que, por sua vez, estruturam as hierarquias.

Nesse senso comum, a pergunta sobre “onde” ocorreu determinada ação ou evento é assumida como um ponto de consenso na comunicação cotidiana, nas narrativas históricas e nas análises sociais no geral. Contudo, a pergunta em si, as descrições dos lugares e a caracterização dos ambientes e de sua transformação estão impregnadas de sentidos adquiridos por experiências de classe, gênero, raça, sexualidade, religiosidade, geração e por repertórios culturais estabelecidos em localidades distintas. Essas variações conformam as configurações sociais, políticas e econômicas e produzem *habitus* – formas de compreender, usar e classificar o espaço internalizadas e materializadas nas relações de força.

As entrevistas realizadas nas pesquisas sócio-históricas e acumuladas nos acervos de história oral têm inúmeros exemplos da variação das noções de espaço, a depender das formações sociais que constituem os sujeitos e suas práticas. Essa é a questão que atravessa o dossiê “Espaço, memória e identidade”. Os seis artigos deste dossiê questionam os “espaços” como construção social. Partindo de pressupostos epistêmicos e disciplinares distintos, os textos deste número da revista *História Oral* compõem um mosaico de investigações que colocam a tríade “espaço, memória e identidade” como cerne da análise sócio-histórica.

A expressão *spatial turn* tem sido usada para nomear a relevância que a noção de espaço ganhou nas ciências humanas. O anúncio de uma “virada” epistêmica tem correlação com as teorias pós-modernistas e suas disputas contra as grandes teleologias que organizavam visões do tempo como estruturantes dos projetos sociais de indivíduos e coletividades. Uma crise das grandes narrativas históricas, construídas em torno das utopias de “progresso”, da “revolução” ou de ser “vanguarda”, fez surgir um repertório de críticas que priorizavam o espaço ao tempo. Frederic Jameson, no texto de análise sobre o capitalismo dos anos 1960 e 1970, frisou a relevância da “lógica do espaço” para compreender as rápidas transformações ocorridas nessas décadas e dos processos de descontextualização e desterritorialização das culturas (Jameson, 1996). Foucault, em “De espaços outros” (2013), sugere um deslocamento das análises da questão do tempo e das utopias sociais para a ênfase nos espaços e nas “heterotopias”, a maneira como os espaços são inventados, delimita as formas de experimentar o tempo social, estabelece rituais de entrada e saída, e definem os lugares das alteridades (Foucault, 2013). Lefebvre, na crítica e renovação do marxismo, coloca a produção do espaço e de suas ideologias como central para compreender o capitalismo e os projetos de

modernidade (Lefebvre, 2000).

Nessa “virada” analítica, as ciências humanas retomam a categoria espaço desnaturalizando-o. Contudo, a expressão *spatial turn* não tem como mote o anúncio de algo completamente novo: nos anos 1990 e 2000, a Geografia (Harvey, 2008; Soja, 2009; Warf; Arias, 2009), a Sociologia (Freshe, 2013; Löw, 2013) e a História (Guldi, 2025; Winthers, 2009) revisitam autores clássicos e a tradição de ensino de suas ortodoxias disciplinares, mostrando como a noção de espaço foi operada em determinados contextos de produção do conhecimento e como ela tem sido retomada. Nesse sentido, o *spatial turn* não é algo inédito, mas um reposicionamento de problemas nas tradições disciplinares. A partir de agendas de investigação renovadas, sugerem-se epistemologias que enfocam como os espaços são construídos social e culturalmente, evidencia-se a invenção dos topônimos e das geografias imaginárias, explicitam-se as formas/morfologias socioespaciais, as relações de poder mediadas através dos lugares e os processos de produção e transformação dos usos do território.

O momento do *spatial turn* é acompanhado pela difusão das tecnologias de informação e comunicação que alteram as noções de proximidade e distância, pela compressão do espaço-tempo na integração dos mercados e na circulação de pessoas, mercadorias e informações, e pela emergência de problemas ambientais e sociais que reforçam a necessidade de redefinir as escalas de análise, em que o local, o nacional e o global são borrados em diferentes modelos de investigação e análises históricas. Nesse sentido, a apreensão desse fenômeno pelo conceito de “globalização” é uma rasura de processos complexos, propondo escalas distintas de análise das espacialidades. Além disso, a difusão de centros de pesquisa e investigação em diferentes lugares tem obrigado os referenciais espaciais das investigações a serem repensados. A revista *História Oral* e os vários encontros promovidos pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) se destacam pela abertura a essas novas pesquisas que transgridem as ordens de análise do local, nacional e global.

A questão da desnaturalização do espaço encontra-se dispersa em vários simpósios temáticos dos Encontros de História Oral e em diferentes números desta revista. A história oral das comunidades urbanas e rurais, das segregações de classe e raça, dos trabalhadores em fábricas, sindicatos e associações, dos quilombolas, dos povos indígenas, dos estudantes em escolas, das festas populares, dos espaços de lazer e esporte, dos doentes em hospitais evoca as formas como o espaço é praticado e classificado. Temas variados misturam-se à trajetória do campo e evocam formas distintas de problematizar o espaço. Desse modo, o dossiê “Espaço, memória e identidade” não traz um ineditismo, mas mostra que a reflexão nos estudos da memória e da história oral é um ponto de entrada para o *spatial turn*.

Essa pregnância do espaço nas reflexões nas análises da memória social foi sinalizada por Maurice Halbwachs. Para o autor, “as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva”, logo o “lugar ocupado por um grupo não é como

um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos números e figuras”, o “lugar recebeu marcas do grupo, e vice-versa” (Halbwachs, 1990, p. 133). Halbwachs, retomado em vários estudos da história oral, dedica um capítulo ao tema do espaço no clássico *A memória coletiva* (1990). Assim, o tema clássico nos estudos de memória e história oral ganha um novo significado quando analisado à luz da onda epistemológica do *spatial turn*.

Os artigos neste dossiê priorizam análises que investem na forma como o espaço é praticado e narrado por diferentes sujeitos individuais e coletivos. Investe-se menos em análises estruturais do território e seus vínculos globais, produzidos pelas relações capitalistas mundializadas, e mais em como os sujeitos e suas memórias instituem espacialidades heterogêneas. Os espaços/territórios praticados pelos sujeitos é o principal eixo de problemas assumidos pelos oralistas. A heteroglossia das investigações, dos seus referências teóricas e das metáforas para pensar a relação entre espaço, memória e identidade mostra a interdisciplinaridade da história oral e a maneira como as entrevistas têm sido usadas com criatividade para pensar as espacialidades.

Nesse contexto, o artigo “Colônia Santa Isabel: entre memórias e vivências” problematiza o espaço social constituído pelo Estado para os portadores de hanseníase e sua transformação ao longo do tempo. Criado em 1931, o Hospital Colônia situava-se numa área periférica afastada do espaço urbano, localizado no atual município de Betim (MG). Esse afastamento tinha o objetivo de “segregar” os doentes e adequava-se à ideologia sanitária que buscava isolar os portadores da hanseníase. O estigma social da doença justificava a construção de um espaço social separado de aglomerações urbanas e a definição de “zonas” de isolamento. No artigo, escrito por André Luiz de Jesus Bueno, questiona-se como esse espaço foi instituído a partir da violência e traumas e como, a partir da configuração social dos anos 1980, ocorreram pressões para que a memória dos sujeitos ligados ao Hospital Colônia fosse apagada do espaço urbano de um bairro e como patrimônio da cidade de Betim.

O trabalho apresenta a metodologia em história oral numa pesquisa desenvolvida no mestrado em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na linha de pesquisa “espaço/lugar, memórias e patrimônio cultural urbano”. O pesquisador André Luiz de Jesus Bueno é formado em História e parte de sua investigação para propor o desenvolvimento de um roteiro turístico e educacional que problematiza as marcas espaciais do bairro onde se localiza o antigo Hospital Colônia. Assim, o artigo é um exemplo de como a história oral que desnaturaliza as noções o espaço relaciona-se a práticas educacionais e a reflexão em torno de turismo locais.

O artigo “A pesca com búzios: saberes e fazeres que revelam um patrimônio cultural em Tracuateua, Amazônia Oriental”, de Norma Cristina Vieira, Dilma Oliveira da Silva e Maria Helena de Aviz dos Reis, enfoca em como a prática social da pesca com búzios institui lugares e espaços de sociabilidade em Tracuateua (PA). A pesca de

lambaris com caracóis (búzios) em rios, lagoas e na costa oceânica é uma atividade de lazer e trabalho doméstico nas famílias do interior do Amazonas Oriental. No município de Tracuateua, os saberes da pesca artesanal assumem marcação de papéis de gênero, são passados entre as gerações nas famílias de ribeirinhos e estabelecem territórios específicos na região. As autoras mostram como o espaço geográfico do município é qualificado e identificado na memória dos sujeitos a partir da pesca com búzios e como essa prática constitui territorialidades e um ecossistema específico da região.

A pesquisa é liderada pela professora Norma Cristina Vieira, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo os autores participantes do projeto “Do búzio ao litro: as relações de gênero no município de Tracuateua (PA)” (desenvolvido entre 2022 e 2023). Além de evidenciar as territorialidades e ecossistemas na prática artesanal da pesca, a investigação está ligada ao debate interdisciplinar sobre educação e meio ambiente no município, onde a prática de entrevista e história oral assume centralidade nas análises qualitativas e reflexões em torno do tema da pesca.

O artigo “Territórios quilombolas em Garopaba e Imituba (SC): patrimônio histórico, paisagístico e história oral” investiga os usos do espaço em dois quilombos na região Centro-Sul do estado de Santa Catarina. O Quilombo da Aldeia e o Morro do Fortunato são territórios vinculados à história da escravização e da diáspora negra do continente africano, e se mantêm *locus* de populações afrodescendentes no sul do país. As fronteiras físicas e simbólicas na divisão de brancos e negros, a maneira como o espaço é produzido nas relações de trabalho das famílias e o estabelecimento de uma cartografia social por meio de entrevistas de história oral com os membros dos quilombos são temas centrais do estudo de Juliani Brignol Walotek e Douglas Ladik Antunes.

O trabalho é desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e desenvolvimento socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), utilizando os referenciais da história oral e o debate da paisagem como “território usado”. Trata-se de uma investigação interdisciplinar, conduzida a partir da *expertise* de Juliani Walotek, que tem formação em História e é professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), *campus* Garopaba.

Em “Trabalho, cotidiano e sobrevivência: a memória de trabalhadores e trabalhadoras dos rios e mangues de Ilha Grande, litoral do Piauí (1960-2000)”, Daniel Souza Braga analisa a memória dos trabalhadores, evidenciando o “espaço praticado”. Cercada pelos rios Parnaíba e Igarapu e pelo Oceano Atlântico, numa região marcada por dunas e mangues, Ilha Grande é espaço usado pelos trabalhadores ribeirinhos, tratado por memorialistas como “simples povoado de pescadores” e lugar de pobreza. Ao contrário dessa visão, o autor analisa as narrativas dos trabalhadores identificando as formas de uso do espaço e o cotidiano associadas aos saberes da pesca e da “roça”, formas de sobrevivência constituídas pelas famílias.

A tensão entre esses modos de habitar e usar nas estratégias de sobrevivência dos

trabalhadores ribeirinhos com empreendimentos imobiliários, a instalação de torres eólicas e a economia do turismo são analisadas na pesquisa, assim como as relações de gênero estabelecidas no cotidiano de apropriação do espaço pelo trabalho familiar dos ribeirinhos. Daniel Souza Braga, que é doutor em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e professor da Secretaria de Estado da Educação do Ceará, usa a história oral e a noção de corpo-oralidade para evidenciar as diferentes perspectivas na memória viva dos trabalhadores na disputa por um território, dialogando com várias referências da história social para refletir sobre a temática.

Pedro Henrique Victorasso, graduado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (Unesp), no artigo “As práticas e representações da Companhia de Reis Fernandes – Olímpia/São Paulo (1964-2014)”, analisa a folia de reis no município de Olímpia (SP). O autor investiga um traço da cultura popular local identificado como patrimônio cultural da cidade, a partir da análise das memórias da Companhia Reis Fernandes entre 1964 e 2014. O espaço aqui é pensado na chave do patrimônio imaterial e das relações estabelecidas por uma festa popular no espaço público. Victorasso entende a Folia de Reis como um ritual, explicando sua cosmologia, a forma como o festejo foi incorporado no repertório cultural localidade e suas transformações no tempo.

Ao recortar um período de quase meio século, voltando aos anos 1960 para analisar a festa popular e um dos grupos mais antigos da região, ele evita tomar o que é visto como um traço de autenticidade como pitoresco, insistindo nas mediações geracionais e atualizações das práticas no espaço – como transformações de urbanização e do cotidiano afetam a festa popular. Seu artigo é fruto de investigação desenvolvida no mestrado intitulada “A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano”, orientada por Zélia Lopes da Silva. Ao longo de sua carreira, o pesquisador se dedicou ao debate sobre história cultural, festas populares e políticas de memória.

No artigo “Os ‘patrimônios’ da Floresta: artefatos, saberes e práticas de comunidades tradicionais na Amazônia Marajoara”, Eliane Miranda Costa analisa o fenômeno da cruz milagrosa nas comunidades ribeirinhas do rio Mapuá, no município de Breves (PA). O estudo mapeia diferentes artefatos-patrimônio, como a cruz em madeira identificada como “milagrosa”, e nos leva a compreender como eles são inventados ao longo do tempo, em práticas e narrativas das gerações locais que ressignificam a tradição oral. A autora problematiza o território marajoara, compreendido pelo processo de produção do genocídio das nações indígenas e pela maneira como as comunidades ribeirinhas constroem um “espaço apropriado”, tanto em termos físico quanto de forma ritual, espiritual e simbólica a partir de artefatos-patrimônio.

A autora é professora titular da Universidade Federal do Pará (UFPA), formada em Pedagogia e doutora em Antropologia. A investigação parte do debate sobre catolicismo popular e de uma visão renovada da “arqueologia pós-processual”, que se preocupa em

como as narrativas orais ressignificam artefatos arqueológicos e patrimônios culturais. O artigo tem correlação com a investigação desenvolvida no doutorado, intitulada “Memórias em escavações: narrativas de moradores do rio Mapuá sobre os modos de vida, cultura material e preservação do patrimônio arqueológico (Marajó, PA)” (2018).

Por fim, a capa dessa edição da História Oral traz a fotografia Afeto na Pedra do Sal, de Lais Reverte. Formada em geologia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e cinema pelo Instituto Cinema Nosso, a artista visual coloca em foco os corpos negros em diferentes territórios brasileiros. Na imagem da capa, ancestralidade e afetividade – temas trabalhados em várias séries documentais da fotógrafa – ganham forma nos gestos de amor de um casal negro, ressignificando o patrimônio cultural afro-brasileiro do Rio de Janeiro e os espaços de memória da resistência contra a escravidão e o racismo.

Convidamos a todos a uma boa leitura do dossiê "Espaço, memória e identidade".

## Referências

- CUNHA, Guilherme (Org.). *Retratistas do morro*. Belo Horizonte: Ispis Gráfica e Editora, 2024.
- FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- FREHSE, Fraya. O espaço na vida social: uma introdução. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 27 n. 79, p. 69-74, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68703/71283>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- GULDI, Jo. What is the Spatial Turn? *Scholar's Lab*, Charlottesville, 2011. Disponível em: <https://spatial.scholarslab.org/spatial-turn/what-is-the-spatial-turn/>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARVEY, David. *A condição da pós-modernidade*. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 4.ed. Paris: Anthropos, 2000.
- LÖW, Martina. O *spatial turn*: para uma sociologia do espaço. *Tempo Social*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 17-34, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MX3FhshSwQ7XGMPYTMLV3sv/?format=pdf&clang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- SOJA, Edward W. Taking space personally. In: WARF, Barney; ARIAS, Santa (Ed.). *The spatial turn: interdisciplinary perspectives*. New York: Routledge, 2009. p. 11-35.
- WARF, Barney; ARIAS, Santa. Introduction: the reinsertion of space in the humanities and

social. In: WARE, Barney; ARIAS, Santa (Ed.). *The spatial turn: interdisciplinary perspectives*. New York: Routledge, 2009. p. 1-10.

WITHERS, Charles W. J. Place and the “Spatial turn” in Geography and in History. *Journal of the History of Ideas*, Philadelphia, v. 70, n. 4, p. 637-658, oct. 2009. Disponível em: [https://projects.iq.harvard.edu/files/riverbed\\_seashore/files/withers.pdf](https://projects.iq.harvard.edu/files/riverbed_seashore/files/withers.pdf). Acesso em: 3 abr. 2025.